



## O ENTARDECER DOS SONHOS E A CRIAÇÃO DA EXISTÊNCIA: A INTERPRETAÇÃO POÉTICA DA VIDA

Leonardo Alonso<sup>1</sup>

Quinta feira, 29 de setembro, início da tarde. Após 11 anos resolvi reviver esse ensaio engavetado. Agora, compreendo o entardecer.

**Todo escritor é um criador, por excelência.** Essa atitude criativa que é embasada na experiência ao longo do dia, apresenta um repertório, uma bagagem, a essência da interpretação dos fatos. A percepção fenomênica perpassa necessariamente pelo ato de interpretar. Em outras palavras, criar e interpretar é uma via de mão dupla, pois a concretização da escrita – o discurso plasmado na superfície pálida e fria do papel, ou na tela do computador, ou nas paredes, ou até mesmo na denúncia feita por uma criança no papel de pão contra o pai violentador da mãe – atravessa o prisma axiológico dos fatos que lhes são externos a própria corporeidade do escritor-criador.

Nesse afã, rememoro um **filme** coreano intitulado *Poesia* (2011) que aponta e ensina a arte de escrever internamente, isto é, a “inscrição” de si no mundo. O escritor é um criador a partir do momento que se autoconhece como um ser que apresenta uma função social, e potencializa a exteriorização de sua escrita interiorana, através da projeção da sua própria essência formada pela capacidade interpretativa dos fenômenos cotidianos. Nesse filme, a protagonista, que tem 60 anos de idade, Yun Jeong-hee, extremamente resiliente em razão dos problemas sofridos pelo Alzheimer, cuida de um idoso inválido, onde vive com seu neto, numa casa simples, no interior da Coreia do Sul. De forma inusitada, a protagonista resolve se inscrever em um concurso de poesia, e cria os seus versos a partir da contemplação das cenas cotidianas, das experiências elementares

---

<sup>1</sup> Professor da Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Brasil, no curso de Especialização em Pedagogia Social para o Século XXI, na área de Metodologia da Pesquisa em Pedagogia Social, Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso I a III, e Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes.



da vida e da natureza, tal como a observância de uma maçã, de uma flor, de uma árvore ou do movimento do vento.

Essa personagem que representa uma escritora-criadora exerce a sua função social intensamente na tentativa de se opor ao curto tempo que lhe resta para a sua “inscrição” no mundo, que a partir da sua nova interpretação começa a ganhar novas formas cores, texturas, aparências e sentimentos. Essas novas percepções se iniciam a partir do momento que ela tem consciência que o ato de esquecer, em razão da sua patologia, por sua vez, também é o ato de se renovar, criar novos padrões, experiências, por meio do renascimento de um mundo encantado, livre das amarras do passado, o qual não necessariamente consolida uma experiência de superação, pelo contrário, sinaliza um abismo profundo de dor, depressão, intenso sofrimento e morte, quando não se tem a resiliência necessária para enfrentá-lo.

A vida da idosa se entrelaça com a vida de uma jovem “morta”, por meio de um grupo de adolescentes que estupraram a referida estudante, inclusive, sendo um dos mentores intelectuais do crime o próprio neto da idosa. Esta jovem, após ser barbaramente violentada, ceifa a sua própria vida. Destarte, na encruzilhada do destino, a idosa, que redescobre a vida começa um diálogo interior através de um liame intersubjetivo com a jovem morta. De certa forma, a poética da vida que se extrai do evento interpretativo da morte continua seu linear no tempo e espaço, do aqui-agora, consubstanciada na eternidade da “inscrição” dos ensinamentos poéticos da idosa travestida em uma nova vida. A interpretação do evento da morte ocorre pelo autoconhecimento da vida, que ainda vale ser postergada, e, de fato vivida, mesmo em face dos múltiplos obstáculos, que à luz de uma lógica interpretativa-argumentativa, os tornam menos significativos quando se compara com o encerramento inevitável da poética da vida do escritor-criador.

A duração do filme se confunde com a própria duração e a criação do único poema dessa protagonista que apresenta uma intensa **resiliência**, em razão de sua doença que define o seu corpo físico, mas evolui a sua percepção interpretativa do encanto da vida, ao mesmo tempo que sofre pelo crime cometido pelo seu neto, legado de sua própria existência. Ao passo que nasce o sentimento de impotência e culpa pela suposta incapacidade de educar adequadamente o seu neto, surge um elo espiritual calcado na poética interna que se manifesta pelos diálogos internos com a jovem que ceifou a própria vida, após ser estuprada; nesse ponto, a idosa potencializa a sua própria vida com a função social de reparar a injustiça perpetrada pelo seu neto, justamente dando azo a força criadora da vida pela manifestação exteriorizada da poética interpretativa da vida.

No **documentário** *Português, a Língua do Brasil* (2007), de Nelson Pereira dos Santos, a escritora brasileira Nélida Pinõn, afirma que a materialidade da língua é livre de amarras e



convenções sociais, pois está presente pairando sobre os eventos do cotidiano, sobretudo pelas manifestações orais; todavia, o escritor-criador estrutura essa língua livre em frases que representam a própria expressão do espírito humano. Vejamos:

“[...] cada ser humano ao regressar a sua casa, além de levar um pedaço de pão, de queijo, troféus do cotidiano, ele tem quer levar também uma pequena história, uma pequena intriga, uma aventura narrativa, e, ao mesmo tempo, que ele chega em casa levando uma história heroica, ele também vai encontrar em casa pessoas que lhe devolvem com uma história; portanto, isso prova que, nós escritores, nos nutrimos desse material espúlio, avassalador, a língua é uma maravilha porque ela não seleciona, ela não tem uma estética prévia, logo, ela não é escrava dos ditames da arte. A língua é uma expansão, ela não tem compromisso com a fama, com as instituições. **Ela é tudo aquilo que cobramos da humanidade para sermos parte dessa humanidade.** Portanto, ela é vagabunda, é errante, é incorreta, diz o que quer, e nós escritores vamos lá para consolidar as frases – não inventada por nós –, mas as frases prévias da língua que nos chegam e nós escrevemos. De modo que eu, como escritora, tenho sempre uma dívida muito grande com os ruídos populares, com a maneira de contar do povo, com a oralidade. [...] Machado de Assis sabia muito bem que a sua literatura emergia muito bem dessas fontes populares, indomáveis, maravilhosamente inconsequentes, é um material que aguarda ser apreendido pelos grandes escritores do país”. (grifos nossos)

Ainda, no documentário de Nelson Pereira dos Santos, segue um fragmento da obra de Nélida Pinõn, extraída do livro *Vozes do Deserto* (2004) que representa a potencialidade das palavras que fazem germinar a vida e alimenta a evolução da história, mesmo em face de tantos enfrentamentos e desafios: **“Scherezade sabe-se instrumento de sua raça. Deus lhe concederá a colheita das palavras, que são seu trigo”**. (grifos nossos)

O poder das palavras é tão intenso que podem ser usadas como prescrição de um médico, que também pode assumir a figura de um monstro, como no **conto** de Clarice Lispector, “A imitação da rosa”, publicado no livro *Laços de Família* (1960), no qual a protagonista Laura, conhecida como a típica “mulher honesta”, submissa aos ditames das instituições e das regras de condutas as quais foram impostas simplesmente para demonstrar uma posição de hierarquia. Cita-se, por exemplo, a prescrição do médico para beber leite antes das refeições com o fito de evitar ansiedade em razão das traições do marido, sendo que era uma ordem seguida inquestionavelmente por ela, mas por outro lado, o médico afirma com palavras de autoridade, para completamente esquecer dos fatos, como uma “cegueira deliberada”:

“Abandona-se, tente tudo suavemente, não se esforce por conseguir – esqueça completamente o que aconteceu e tudo voltará com naturalidade’ E lhe dera uma palmada nas costas, o que a lisonjeava e a fizera corar de prazer. Mas na sua humilde opinião uma



ordem parecia anular a outra, como se lhe pedissem para comer farinha e assobiar ao mesmo tempo”. (LISPECTOR, p.4)

A perspectiva do entardecer traz a mente a morte, especialmente à luz da escritora-criadora, que, por meio de sua respectiva personagem Laura, retrata, através da poética que ainda pulsa vida, o cansaço das tarefas domésticas impostas, e o constante desejo de se esquecer como ser humano passível de dor, mas ainda assim se “inscreve” no mundo como uma resiliente disposta a mostrar sua poética através do enfrentamento dos percausos: “ E, como para todo o mundo, cada dia a fatigava; como todo o mundo, humana e perecível. Não mais aquela perfeição, não mais aquela juventude. Não mais aquela coisa que um dia se alastra clara, como um câncer, a sua alma” (p.6). No final do conto, que ocorre com o entardecer, a protagonista se submete aos ditames e acaba se esquecenedo das rosas e da sua própria beleza, mas, ela conseguiu “inscrever” e exteriorizar a sua poética de vida, em detrimento das demais personagens, que tentaram inferiorizá-la; por conseguinte, conseguiu converter a sua dor em exemplo e superação.

Agora, nesse encerramento, me coloco na posição de **escritor-criador** para poetizar sobre a vida – realizar a minha inscrição no mundo. A cada dia o grande poderoso sol nasce, ao passo que, no final da tarde, morre; ora, nasce e morre cotidianamente. Esse é o ciclo natural do tempo, das coisas, da vida. A banalidade do dia-a-dia pode ser contemplada de uma forma bela quando se foca em um determinado aspecto útil para o bem comum. No final do dia, o entardecer é o meu foco! Lembro-me dos sonhos, das chances e dos amores perdidos. Talvez, ao amanhecer seja possível recuperar o tempo perdido, que na verdade não pode ser perdido, porque ele nunca foi achado, à luz da Lógica e Argumentação Discursiva. o **tempo** é apenas uma palavra que ganha sentido a partir da interpretação que lhe é atribuído; destarte, com toda vênua, *Em busca do tempo perdido* (2017), de Marcel Proust, apenas ganha relevo como título de livro, porque não se encontra aquilo que nunca se perdeu: a certeza do entardecer e do amanhecer.



POETISANDO PAULO FREIRE

Eliane Santos Vieira

Que prazer imenso

Estar completando meu centenário!

Junto de todos,

Unidos pela Educação.

Feliz por saber

Que vocês não esqueceram

Todo meu esperançar

Todo meu afetar, pela humanidade e educação!

Saber que menos oprimidos

Nossa sociedade vem reprimindo

É uma vitória, sem risco

Para esse educador que vivia em conflito.

Perceber que ser opressor

Não é a solução

Me proporciona sorrir, do lugar onde estou.

Será social, pelo social

É o que me revelou

Ser esse nordestino

Que pisou nesse chão, quentinho

Que muitos ignoraram, como ínfimo!

Mas, que vocês





Pessoas iguais

Resgataram

Semeando cada espaço possível

À palavra da fé.

Que vê o ser humano

Como um coração compassado

De amor!

Torno a resgatar o esperançar...

Esperançar de lutas

Esperançar de bravura

Por todos que nossa sociedade,

Por vezes oculta,

Os deixam às margens invisíveis

Sem esperança de uma vida digna

Sem perceber que a vida

É um direito

E não uma escolha social.

30/03/2021